

LICÃO 3 – AS PRAGAS DIVINAS E AS PROPOSTAS ARDILOSAS DE FARAÓ

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários introdutórios:

As pragas divinas sobre os egípcios:

- Já vimos na lição passada que Deus chamou Moisés para libertar o seu povo. Deus poderia fazer isso diretamente, mas Ele decidiu usar Moisés. Não que Deus precisasse de Moisés, mas Ele costuma usar os Seus servos para fazer o que Ele quer. Não devemos nos ensoberbecer quando Deus nos usa; é Ele que tem o poder de nos usar como Ele quer. Não devemos jamais nos considerar imprescindíveis na Sua obra.

- Moisés resistiu o quanto pode ao chamado divino, a ponto de forçar Deus a colocar Arão, seu irmão, ao lado de Moisés. Sua alegada falta de eloquência era uma “desculpa esfarrapada”. Afinal, Moisés foi criado no Egito pela filha de Faraó, certamente nas melhores escolas do Egito. Não é crível que Moisés não soubesse falar bem. Quem sabe se o episódio do bezerro de ouro (Ex. 32.2) não teria sido evitado se não fosse a insistência de Moisés. Devemos aprender a não resistir ao chamado divino. Se Ele nos chama para a Sua obra, devemos nos prontificar a fazer, mesmo não nos sentindo em condições. Se Ele nos chama, Ele nos capacita.

- Ao derramar suas pragas sobre o Egito e sobre Faraó, Deus estava mostrando para eles que Ele somente era Deus, acima de tudo e de todos, ao contrário da crença comum no Egito de que havia vários deuses, sendo, inclusive, o próprio Faraó considerado um deus.

- Além disso, as pragas tiveram o propósito de julgar Faraó e o povo egípcio por seus atos de opressão contra Israel e apressar a saída dos hebreus.

- E, ainda, as pragas tiveram a intenção de mostrar para os próprios israelitas o poder do seu Deus. Eles, que já estavam tão contaminados com o mundanismo egípcio, precisavam novamente conhecer o seu Deus. Tanto é assim que Moisés, em seus vários questionamentos a Deus por ocasião de seu chamado, disse duas vezes que o seu povo não acreditaria nele quando dissesse que Deus o chamou (Ex. 3.13, 4.1). Por isso é que Charles Swindoll disse que os sinais que Deus mandou ao Egito eram “pragas que pregam”.

- Cada uma das dez pragas atingiu diretamente uma ou mais divindades egípcias (ver Ex. 33.4, que deixa claro que se tratavam de juízos sobre os deuses egípcios), fazendo-os ver que esse suposto deus na verdade não era um verdadeiro deus.

- **Primeira praga:** transformação da água do rio Nilo em sangue (Ex. 7.19-25). Atacou Ápis, o deus-boi, e Ísis, a deusa do Nilo. O próprio rio Nilo era considerado uma divindade para os egípcios, pois era dele que eles extraíam toda a sua riqueza. Ferindo o Nilo com sangue, Deus deixou claro que Ele era superior às divindades egípcias.

- Essa praga pôde ser repetida pelos magos de Faraó (Ex. 7.22), e por isso Faraó endureceu seu coração. Note que eles podiam fazer o mesmo mal que Deus fez, mas não puderam retirar o mal.

Deus até permite a Satanás alguma demonstração de poder, mas ele jamais vai superar o poder de Deus.

- Não devemos nos deixar confundir com os sinais de Satanás; não é o fato de aparecer alguém fazendo algum sinal que essa pessoa automaticamente deve ser recebida como cristão verdadeiro, pois pode ser um impostor. Cristo deixou claro que é pelos frutos que devemos conhecer os verdadeiros cristãos (Mt. 12.33), não pelos sinais.

- Como essa praga teve prazo de duração limitado (7 dias – Ex. 7. 25), Faraó não deu muita atenção.

- **Segunda praga:** rãs (Ex. 8.1-15). Atacou Hequet, a deusa da natalidade, que tinha cabeça de rã. Uma coisa é reverenciar um animal na beira do rio, outra coisa bem diferente é ver centenas desses animais na sua casa, espalhados em todos os cômodos.

- Esta praga também pôde ser repetida pelos magos de Faraó (Ex. 8.7).

- Ao contrário da primeira, que Faraó ignorou, para esta segunda praga Faraó se atentou, e mandou chamar Moisés e lhe prometeu deixar o povo ir, embora não tenha cumprido a promessa depois.

- O mais curioso é que, quando Moisés pergunta quando deveria orar para retirar a praga, Faraó lhe responde “amanhã” (Ex. 8.10). Ora, como alguém que está sofrendo um terrível mal, se tem a oportunidade de se livrar já desse mal, posterga o livramento para o dia seguinte? Seria de se esperar que ele respondesse “agora”. Por que postergar para amanhã a bênção que Deus pode nos dar agora?

- A resposta de Faraó denota o quão arraigado ao mal ele estava, a ponto de não querer se livrar dele tão rápido. É como uma pessoa que está cometendo um pecado e pede oração para Deus afastá-lo do pecado, mas, em verdade, ele está gostando do pecado e não quer se livrar dele. A pessoa vem à igreja, pede oração, mas na verdade ela não quer oração, pois não quer se afastar dos seus pecados.

- **Terceira praga:** piolhos (Ex. 8.16-19). Atacou Set, deus do deserto, e aos sacerdotes, que foram revelados impuros. Piolhos são parasitas que se alimentam de sangue, restos de pele ou secreções expelidas pelo corpo. Multiplicam-se com facilidade e dificilmente saem de seus hospedeiros.

- Esta praga (e todas as seguintes) já não pôde ser repetida pelos magos de Faraó, que chegaram a reconhecer aí o dedo de Deus (Ex. 8.18-19).

- **Quarta praga:** moscas (Ex. 8.20-32). Atacou Rá, o deus-sol, e Uatchit, simbolizado pela mosca. A mosca é um dos animais mais nojentos que existe; ela pousa em fezes e em seguida nos alimentos, transmitindo doenças. Foi depois desta quarta praga que Faraó fez a sua primeira proposta, que será estudada adiante.

- **Quinta praga:** peste no gado (Ex. 9.1-7). Atacou Hactor, deusa de cabeça de vaca.

- **Sexta praga:** úlcera (sarna, tumores; Ex. 9.8-12). Atacou Ápis, o deus-boi, Sekhmet, a deusa das doenças, e Sunu, deus da peste.

- **Sétima praga:** saraiva (chuva de pedras; Ex. 9.13-35). Atacou Nut, o deus-céu, e Osíris, o deus da agricultura.
- **Oitava praga:** gafanhotos (Ex. 10.1-20). Atacou Nut, o deus-céu, e Osíris, o deus da agricultura. Neste ponto até os servos de Faraó chegaram a repreendê-lo, pedindo que ele deixasse o povo ir embora (Ex. 10.7).
- **Nona praga:** trevas (Ex. 10.21-27). Atacou Rá, o deus-sol, Nut, o deus-céu.
- Pode parecer estranho para nós hoje falar em trevas, mas devemos lembrar que naquela época não existia energia elétrica; a luz era somente a natural. Imagine passar três dias inteiros em completa escuridão!
- Observe que a Bíblia que eram trevas “que se apalpem” (Ex. 10.21), o que sugere que eram trevas muito densas, provavelmente causadas por uma grande nuvem de fumaça preta, a ponto de poderem ser sentidas com a mão.
- Foi depois desta praga que Faraó fez sua quarta e última proposta.
- **Décima praga:** morte dos primogênitos (Ex. 11.1, 12.29-33). Atacou Min, o deus da reprodução, Hequet, a deusa do nascimento, Ísis, a deusa do Nilo, que se dizia ser protetora de crianças, e o próprio Faraó, que era considerado um deus, na medida em que também matou o futuro Faraó, o herdeiro do trono.
- Notem que existe uma certa correlação entre a narrativa da Criação e a destruição do Egito pelas pragas, de duas formas: 1) comparar Gn. 1.10 com Ex. 7.19, observando a referência a “ajuntamento das águas” nos dois casos; 2) as dez pragas correspondem às dez ocorrências da expressão “e disse Deus” na Criação (Gn. 1.3,6,9,11,14,20,24,26,28 e 29).

As propostas de Faraó a Moisés:

- Inicialmente, Faraó negou simplesmente conhecer a Deus e se recusou a deixar o povo sair (Ex. 5.2). Essa reação de Faraó tem sido comum nos nossos dias: negar a existência de Deus. Faraó, que se achava Deus e que era o líder da nação mais potente do mundo à época, certamente menosprezou Deus ao ver um pastor de ovelhas como Seu representante.
- Depois que Moisés fez alguns sinais na sua presença, Faraó chamou os seus sábios e encantadores, que fizeram o mesmo. A vara de Moisés transformada em cobra engoliu a deles, mas nem assim Faraó deixou-se convencer. Só quando começaram as pragas é que Faraó começou a negociar com Moisés.
- É incrível como algumas pessoas se acham no direito de negociar com Deus, como se tivessem alguma condição de barganhar com o Todo-Poderoso, como se fossem alguma coisa. Deus manda a pessoa fazer algo e a pessoa fica questionando, barganhando com Deus, como se pudesse Lhe resistir e não fazer a Sua vontade. Essas pessoas, assim como Faraó, precisam aprender simplesmente a obedecer a Deus e ponto final.
- Há muita discussão a respeito do endurecimento do coração de Faraó, principalmente porque a Bíblia diz que foi o próprio Deus quem endureceu o seu coração (Ex. 4.21; 7.3). Seria então Faraó um mero “boneco” nas mãos de Deus? Teria Deus retirado o seu livre-arbítrio? Se isso for

verdade, então Deus é injusto, pois estaria punindo alguém que não tinha condições de agir diferente.

- Mas em Ex. 7.13 vemos que foi o próprio Faraó quem endureceu o seu coração. Deus havia dito que endureceria o seu coração, mas isso deve ser entendido apenas como o exercício da presciência divina, ou seja, Deus sabia que Faraó endureceria o seu coração. Deus não retirou o livre-arbítrio de Faraó, Ele apenas revelou a Moisés o que iria ocorrer, por livre escolha do próprio Faraó.

- Faraó fez, ao todo, quatro propostas sucessivas a Moisés, cada uma delas correspondendo às ofertas de Satanás para a Igreja hoje:

- A **primeira proposta** era: podem adorar, mas permaneçam no Egito (Ex. 8.25). Permanecer no Egito é permanecer no mundo. A adoração da Igreja é tolerada, contanto que se mundanize.

- Muitos crentes não querem ser diferentes, não querem sair do mundo. Assim sendo, trazem o mundo para dentro da Igreja. O mesmo estilo de música que se usa nas danceterias está sendo usado nas igrejas. A mesma moda de vestes usada no mundo é usada pelos membros das igrejas. Não há separação de ideias e de costumes.

- Mas Deus chamou o seu povo para separar-se dos demais povos (Lv. 20.26). Sem santificação, ninguém verá o Senhor (Hb. 12.14).

- Faraó chega a pedir a Moisés que ore por ele também (Ex. 8.28), mas evidentemente não estava sendo sincero.

- A **segunda proposta** foi: vão, mas não se distanciem do Egito (8.28). Já que Faraó perdeu na primeira negociação, ele concedeu um pouco, deixou que saíssem, mas não para muito longe.

- Equivale a dizer: não se mostrem radicais em sua separação. Preservem seu acesso ao Egito e aos seus deleites. Vão, mas guardem sempre a possibilidade de voltar e de usufruir das coisas boas do mundo.

- Ou seja, saiam do Egito, mas não deixem o Egito sair de vocês, como fez a mulher de Ló, que saiu de Sodoma mas não tirou Sodoma do seu coração.

- Aquela geração que saiu no êxodo também não tirou o Egito de seu coração, pois, ao menor problema que enfrentavam no deserto, lembravam-se das “coisas boas” do Egito (Nm. 11.5).

- É uma vida cristã superficial, sem consagração a Deus e ao seu serviço.

- A **terceira proposta** foi: vão, mas deixem suas esposas, seus filhos e suas possessões no Egito. Sejam crentes espirituais, mas não criem seus filhos na espiritualidade. Eles precisam das provisões sociais do Egito, como posição e riquezas. Precisam de empregos respeitáveis no Egito, isentos de radicalismos que os tornariam diferentes diante de seus amigos.

- Esta terceira transigência proposta pelo Faraó, se aplicada aos crentes hoje, talvez tenha sido a mais sutil de todas. Até os pais mais piedosos desejam prosperidade e posição secular para seus filhos.

- Mas o propósito de Deus é sempre abençoar toda a família, no sentido de que ela seja salva, unida, coesa, forte, feliz e saudável.
- Se fosse aceita a proposta de Faraó, as famílias deixadas para trás no Egito ficariam sem direção e sem provisão dos homens que saíram; os maridos sairiam sem as esposas e certamente arrumariam outras esposas no caminho, o que arruinaria suas famílias originais e causaria mistura de povo de Deus com moças idólatras, o que seria o fim de um povo separado.
- Faraó tinha interesse pelos filhos dos hebreus pois eles formariam a próxima geração de escravos. O mesmo interesse de Faraó pelos filhos dos hebreus é o que Satanás tem pelos nossos filhos. Assim como ele não queria que os filhos fossem adorar a Deus, Satanás também não quer que nossos filhos venham à igreja adorar a Deus.
- O deserto poderia não ter o conforto que as crianças requeriam, assim como a igreja pode não ser um lugar confortável para nossos filhos, mas Deus estava no deserto com eles, tudo muda. Da mesma forma, Deus está na igreja com nossos filhos.
- Foi justamente a essa geração de crianças que saíram do Egito que Deus deu a terra prometida 40 anos depois, pois eles se mostraram mais piedosos do que seus pais.
- Por fim, a **quarta proposta** foi: vão, podem levar seus filhos, mas deixem seu gado no Egito (10.24).
- Os bens que os israelitas deveriam deixar no Egito incluíam os meios para oferecer sacrifícios, os animais, já que vacas e ovelhas eram animais limpos que poderiam ser oferecidos em sacrifício.
- O gado deixado para trás ajudaria os egípcios a se ressarcir dos prejuízos sofridos, especialmente dos efeitos das pragas quinta e sexta (morte do gado e grande sarivada). Esses juízos divinos, porém, não deveriam ser aliviados. Faraó e sua gente estavam recebendo o que mereciam.
- Outro propósito de Faraó era forçar Israel a voltar voluntariamente ao Egito, visto que não poderiam ir muito longe (sendo em número de cerca de três milhões de pessoas), sem o sustento representado pelos animais. Se o povo de Israel tomasse a decisão de voltar, então Faraó não poderia ser acusado, além do que, presumivelmente, não haveria mais pragas.
- É curioso que o povo egípcio desprezava a atividade pastoril dos hebreus (Gn. 46.34), mas queria ficar com o seu gado. Assim é o mundo; desprezam os cristãos, mas querem o que eles têm.
- Tal como Moisés disse que tomariam do seu gado para servir ao senhor (Ex. 10.26), devemos nós também aprender a servir ao Senhor com os nossos bens. Afinal, eles não são nossos, são do Senhor, pois foi Ele que nos deu.
- Assim como Moisés disse “nem uma unha ficará” no Egito (Ex. 10.26), também nós devemos dizer o mesmo em relação ao mundo. Ao nos convertermos, devemos sair do mundo de verdade, tirando também o mundo de dentro de nós.
- Assim como Moisés rejeitou cada uma das propostas de Faraó, devemos rejeitar também cada uma das propostas do mundo. Ao final, seremos vitoriosos, assim como Moisés foi.

Texto áureo:

EFÉSIOS 6

11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.

- O cristão está engajado num conflito espiritual com o mal. Esse conflito é descrito como o combate da fé (2Co. 10.4; 1Tm. 1.18-19; Ef. 6.12), que continua até o crente galgar a vida do porvir (2Tm. 4.7-8; Gl. 5.17).

- A vitória do crente foi obtida pelo próprio Cristo, mediante a sua morte na cruz. Jesus travou uma batalha triunfante contra Satanás, desarmou as potências e potestades malignas (Cl. 2.15; Mt. 12.28-29; Lc. 10.18; Jo. 12.31), levou os cativos com Ele (Ef. 4.8) e redimiu o crente do domínio do maligno (Ef. 1.7; At. 26.18; Rm. 3.24; Cl. 1.13-14).

- No presente, o cristão está empenhado numa guerra espiritual que ele trava, mediante o poder do Espírito Santo (Rm. 8.13), contra os desejos corruptos dentro de si mesmo (1Pe. 2.11; Gl. 5.17), contra os prazeres ímpios do mundo e todos os tipos de tentações (Mt. 13.22; Gl. 1.4; Tg. 1.14-15; 1Jo. 2.16) e contra Satanás e suas forças (Ef. 6.12). O crente é conclamado a se separar do presente sistema mundano, repudiando os seus males (Hb. 1.9), vencendo suas tentações e morrendo para elas (Gl. 6.14; 1Jo. 5.4) e condenando abertamente os seus pecados (Jo. 7.7).

- A milícia cristã deve guerrear contra todo o mal, não por seu próprio poder (2Co. 10.3), mas com armas espirituais (2Co. 10.4-5; Ef. 6.10-18).

- Na sua guerra espiritual, o cristão é conclamado a suportar as aflições como bom soldado de Cristo (2Tm. 2.3), sofrer em prol do evangelho (Mt. 5.10-12; Rm. 8.17; 2Co. 11.23; 2Tm. 1.8), combater o bom combate da fé (1Tm. 6.12; 2Tm. 4.7), guerrear espiritualmente (2Co. 10.3), perseverar (Ef. 6.18), vencer (Rm. 8.37), ser vitorioso (1Co. 15.57), triunfar (2Co. 2.14), defender o evangelho (Fp. 1.16), combater pela fé (Fp. 1.27), não se alarmar ante os que resistem (Fp. 1.28), vestir toda a armadura de Deus (Ef. 6.11), ficar firme (Ef. 6.13-14), destruir as fortalezas de Satanás (2Co. 10.4), levar cativo todo pensamento (2Co. 10.5) e fortalecer-se na guerra contra o mal (Hb. 11.34).

- Armadura, no original grego, é *panoplia*, referindo-se à armadura completa de um soldado, conforme descrito em Ef. 6.13-17. Portanto, Paulo recomenda-nos aqui um completo condicionamento de profundo preparo espiritual, em nada deficientes, dando a entender que um combate vitorioso não pode ocorrer se nos contentarmos com algo menos que isso. Esta palavra grega é usada na Bíblia apenas aqui, no v. 13 deste mesmo capítulo e em Lc. 11.22.

- São citadas neste capítulo três grandes habilidades da armadura de Deus: 1) habilidade de resistir contra todos os inimigos (vv. 11-14); 2) habilidade de resistir a todos os ataques (v. 13); 3) habilidade de apagar todos os dardos inflamados de Satanás (v. 16).

- Tal como o poder é de Deus, assim também o é a armadura, as armas de ataque e de defesa que ele nos confere para o combate. Essa armadura compõe-se da verdade, da retidão, do poder residente no evangelho, da fé, dos poderes inerentes à salvação, da operação íntima do Espírito

Santo, que nos conduz na direção de nossa herança, e também da Palavra de Deus, ou seja, sua mensagem remidora e fortalecedora em Cristo, com as suas muitas provisões.

- Essa armadura deve ser vestida, mais ou menos como um soldado se prepara para a batalha, equipando-se com as peças de proteção e de defesa de seu equipamento. Aqueles itens mencionados, e que consistem da armadura em sua inteireza, evidentemente são apresentados na ordem em que os soldados antigos vestiam as várias peças de sua armadura.

- Que há tantos crentes malsucedidos no mundo, ilustra o fato como não se equipam pessoalmente com todas as provisões divinas que lhes são propiciadas, por motivo de preguiça, de indiferença, ou por não quererem reconhecer a seriedade da batalha e a força astuta do inimigo. No grego clássico, o termo aqui usado fala sobre a armadura do soldado pesadamente armado. Sim, um crente bem-sucedido deve ser pesadamente armado.

- Ciladas, no original grego, é *methodeias*, podendo também ser traduzido como “métodos”, referindo-se aos diferentes meios, planos e esquemas usados para enganar, escravizar, prender e arruinar as almas dos homens. Uma forma de o homem condenar sua alma.

Texto da leitura bíblica em classe:

ÊXODO 3.19,20; 7.4,5; 8.8,25; 10.8,11,24

ÊXODO 3

¹⁹ Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, nem ainda por uma mão forte.

- O conhecimento de Deus estava baseado no verdadeiro caráter de Faraó. Ele sabia que Faraó era um governador teimoso e soberbo que não tinha o hábito de obedecer a deuses ou ao homem, principalmente o Deus dos hebreus ou a nação que era tão rentável para o Egito nessa época. Deus também sabia quanto tempo levaria para quebrar a vontade de Faraó.

- Em vez de permitir a caminhada de três dias, o Faraó reagiria de forma radical à sugestão, e aumentaria a carga de trabalho dos escravos israelitas (ver Ex. 5.4ss). Às vezes, um bom projeto começa lentamente, ou mesmo chega a falhar a princípio. Mas se Deus está presente, haverá provisão para o sucesso, afinal. A recusa de Faraó tinha sido claramente prevista, mas mesmo assim era mister fazer o esforço. Aquilo era apenas um começo, apenas uma introdução. Conforme fosse aumentando a obstinação de Faraó, também aumentaria a pressão divina, até que, por fim, haveria uma notável vitória. O episódio indica um modelo de persistência. Nenhum projeto de importância pode lograr êxito sem que, primeiramente, haja entusiasmo. E, em segundo lugar, deve haver persistência.

²⁰ Porque eu estenderei a minha mão e ferirei ao Egito com todas as minhas maravilhas que farei no meio dele; depois, vos deixará ir.

- Deus intentava manifestar seu imenso poder para provar ao Egito e a todas as outras nações que seu plano para o esperado Messias se cumpriria. O pecado seria destruído e o domínio do homem, restaurado. Para isso, Deus sempre interveio e ainda fará isso até que seu último objetivo seja alcançado (1Co. 15.24-28; Ap. 20.22).

- Deus aplicaria o Seu poder ao caso, incluindo muitos milagres e sinais que não poderiam ser equivocadamente interpretados. Ver também Ex. 6.1; 13.14,16; 32.11; Dt. 4.34; 5.15; 6.21; 7.8,19; 9.26; 11.2; 26.8 quanto à “poderosa mão” de Deus em operação. Haveria doze sinais maravilhosos, ou seja, as pragas divinamente produzidas, que demonstrariam o poder de Deus.

- Faraó não daria ouvidos à razão. Somente a força poderia levá-lo a ceder. Haveria dez pragas distintas, causadas pela intervenção divina na natureza. Mãos se estenderiam para ajudar, salvar ou danificar. A mesma mão estendida que ajudaria Israel danificaria o Egito. Coisas novas aconteceriam. Ninguém, nem mesmo Faraó, seria capaz de duvidar da natureza divina do que estava prestes a acontecer. Assim, eventualmente ele daria liberdade aos filhos de Israel, mas não antes de um conflito instrutivo.

ÊXODO 7

⁴ Faraó, porém, não vos ouvirá; e eu porei a mão sobre o Egito e tirarei os meus exércitos, o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito com grandes juízos.

- A pesada mão de Deus seria descarregada contra o Egito. A derrota de Faraó seria, ao mesmo tempo, a derrota dos deuses falsos do Egito. Cada uma das dez pragas seria um golpe dado pela mão de Deus.

- Em algumas traduções, mais de acordo com o original hebraico, em lugar de “exércitos”, lemos “famílias”.

- Israel era o povo pertencente a Deus, em razão do Pacto Abraâmico (ver Gn. 15.18).

- Nm. 1.46 mostra-nos que havia cerca de seiscentos mil homens capazes de pegar em armas, em Israel, por ocasião do êxodo. Isso indica que o total do povo de Israel deveria ser de cerca de três milhões de pessoas. Talvez esse povo tivesse sido organizado em unidades quase militares, conforme a palavra “exércitos”, aqui usada, dá a entender. É possível mesmo que os israelitas tivessem saído armados do Egito, preparados para combater contra os egípcios, se estes saíssem ao seu encalço.

⁵ Então, os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando estender a mão sobre o Egito e tirar os filhos de Israel do meio deles.

- O objetivo do milagre é sempre este: fazer com que todos saibam que Jeová é o Senhor.

- No original hebraico temos o nome divino *Yahweh*, traduzido por Senhor. Este deveria ser conhecido pelo mundo todo, destacando-se sobretudo que Ele é o Deus único; que Ele favorece Israel e opera através desse povo; que os deuses do Egito são falsos; que todos os povos devem prestar lealdade a esse Deus único. Faraó não sabia quem era *Yahweh* (Ex. 5.1-2), e não queria obedecer aos Seus mandamentos. Os muitos sinais, milagres e pragas serviriam de vívidas lições teológicas quanto à identidade e o poder de *Yahweh*.

- O Egito era a maior monarquia do mundo na época. Essa monarquia estava no máximo de seu esplendor. Dentre todas as formas de politeísmo existentes, a forma egípcia era a mais famosa; e os seus deuses devem ter parecido, não somente para os egípcios, mas para todas as nações

circundantes, os mais poderosos. Lançar esses deuses no descrédito era lançar no descrédito o politeísmo em geral.

ÊXODO 8

⁸ E Faraó chamou a Moisés e a Arão e disse: Rogai ao SENHOR que tire as rãs de mim e do meu povo; depois, deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao SENHOR.

- Faraó tinha convicção de que Moisés e Arão podiam realizar qualquer milagre. Ele não recorreu aos magos para livrar-se destas pragas. Não se faz nenhuma referência acerca deles no sentido de que eles ajudaram a pôr fim a uma única praga.

- Faraó prometeu deixar o povo ir se a praga fosse tirada, mas, nisto, ele mentiu e endureceu novamente o seu coração.

- Faraó estava abrandando. Pela primeira vez houve um vislumbre de mudança em Faraó. Embora seus mágicos tivessem podido produzir mais rãs, não tinham podido diminuir o número delas. Para tanto, foi mister o poder de *Yahweh*; e somente Moisés podia invocar esse poder. A vida no País não foi posta sob perigo real por essa segunda praga; mas foi algo tão inconveniente que Faraó quase deixou escapar seu barato trabalho escravo. Sua insanidade retomou, contudo, assim que as pragas desapareceram. Uma mortalidade em massa, entre as rãs, acabou com a praga (v. 14), restando apenas fazer um trabalho de limpeza.

- Nessa altura, Faraó já tinha cessado de zombar de *Yahweh*; mas nem por isso reconhecia Seus direitos exclusivos de Deus soberano.

- Faraó reconheceu o Senhor (*Yahweh*); agora o rei dependia do seu poder, e não do poder de seus deuses falsos. Também reconheceu a missão e a autoridade de Moisés e Arão: eles podiam orar e reverter a praga. E Faraó fez uma promessa solene de que permitiria a partida de Israel, talvez uma promessa sincera no momento. Mais tarde, porém, Faraó voltou atrás em sua palavra, uma vez livre da pressão exercida pela praga.

²⁵ Então, chamou Faraó a Moisés e a Arão e disse: Ide e sacrificai ao vosso Deus nesta terra.

- Faraó dispôs-se a tolerar os sacrifícios sangrentos de Israel se o povo permanecesse na terra. Esse plano foi rejeitado por Moisés, que alegou que eles seriam apedrejados pelos egípcios se começassem tal adoração (v. 26). Ele insistiu para que partissem em uma jornada de três dias para que o povo ficasse protegido (v. 27).

- Confrontando este versículo com o seguinte (v. 26), parece que Faraó baixaria o equivalente a um edito de tolerância. Poderiam efetuar seus ritos religiosos dentro das fronteiras do Egito. *Yahweh* seria então reconhecido como um dos deuses oficiais do Egito, entre tantos. Naturalmente, isso não era aceitável para Moisés.

- Os papiros elefantinos mostram que os egípcios, posteriormente, reagiram com violência à adoração efetuada por Israel (A. E. Cowley, *Aramaic Papyri of the Fifth Century B. C.*). Quase todos os sacrifícios de animais, feitos por Israel, lhes parecia repelente. Assim, o proposto edito

de tolerância de Faraó foi um grande passo aos seus olhos, embora não fosse suficiente, na opinião de Moisés.

- Provavelmente, Faraó teria permitido que Israel exercesse autonomia religiosa em Gósen, mas não fora daquele território. Somente ali Israel não ofenderia aos egípcios; mas devemos supor que mesmo ali havia uma população mista, e tentativas de execução (por apedrejamento) poderiam ter lugar. Os egípcios consideravam que o boi era um animal sagrado para o deus Ré (Ápis), ao passo que a vaca representava a deusa egípcia Hator. Portanto, sacrifícios desses animais seriam considerados blasfêmias.

- Diodoro Sículo (*Bibliothec.* 1.1 par. 75) deu notícias da violência de uma turba de egípcios ao verem uma mulher matar um gato, um animal que para eles era sagrado. O Egito tinha fortíssimos tabus contra as práticas religiosas dos estrangeiros (Gn. 43.32).

- O apedrejamento era uma antiga forma de execução capital. Era a forma de execução em certos casos de incesto.

ÊXODO 10

⁸ Então, Moisés e Arão foram levados outra vez a Faraó, e ele disse-lhes: Ide, servi ao SENHOR, vosso Deus. Quais são os que hão de ir?

- Por insistência de seus impressionados cortesãos, Faraó tentou negociar antes do prazo fatal de vinte e quatro horas (9.5). E sugeriu que fossem somente os homens, visto que só varões adultos poderiam participar de ritos religiosos (23.17; 34.23; Dt. 16.16).

- Naturalmente, Faraó desconfiou que estava tratando com um conluio. Moisés dissera que aproveitaria os três dias de afastamento com propósitos religiosos. Isso não exigiria a ausência das mulheres, das crianças e dos animais. Moisés também não havia dito que não retornaria; mas essa era a ideia por trás de toda a proposta. Tendo saído do Egito, a fim de adorar, os israelitas simplesmente desapareceriam no deserto. Faraó, pois, queria garantir a permanência de Israel, ao mesmo tempo em que permitiria alguns poucos dias de descanso, para propósitos religiosos. Moisés, porém, não aceitaria esse arranjo de transigência. O pedido original era uma viagem de três dias (Ex. 3.18 e 5.3). Este versículo dá a entender que não fora estabelecido nenhum limite de tempo. O versículo seguinte mostra-nos que todas as dúvidas foram removidas. Todo o povo de Israel sairia; ninguém e coisa alguma ficaria para trás.

¹¹ Não será assim; andai agora vós, varões, e servi ao SENHOR; pois isso é o que pedistes. E os lançaram da face de Faraó.

- Faraó pensou que, se não tinham intenção de escapar, ficariam satisfeitos com a ida só dos homens. Se eles fossem sozinhos, voltariam para suas famílias; assim, ele deu permissão para que os homens fossem.

- Em seguida, Faraó mandou expulsar Moisés e Arão de sua presença.

- Fracassara redondamente a tentativa de negociação, e Faraó mandou tirar de sua presença, por meios violentos, Moisés e Arão. O mal parecia ter prevalecido; o resultado é que haveria maior aflição ainda no Egito. Continuará a colheita do mal que fora semeado.

24 Então, Faraó chamou a Moisés e disse: Ide, servi ao SENHOR; somente fiquem vossas ovelhas e vossas vacas; vão também convosco as vossas crianças.

- Faraó, chegando no limite, dispôs-se, por fim, a deixar que todos os homens, esposas e filhos partissem se ele tão-somente pudesse ficar com as ovelhas e os bois de Israel. Ele talvez tenha pensado, em seu desespero, que isso desanimaria Israel de partir, mas Moisés apenas respondeu que nem uma unha ficaria (v. 26).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.

- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Uma jornada de fé: Moisés, o êxodo e o caminho à terra prometida**. Editora CPAD, 2013.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As pragas divinas e as propostas ardilosas de Faraó**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Uma Jornada de Fé – A formação do povo de Israel e sua herança espiritual**. Editora CPAD, 2014.

- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **As pragas divinas e as propostas ardilosas de Faraó**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA, Euclides de. **As pragas divinas e as propostas ardilosas de Faraó**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.

- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **As pragas divinas e as propostas ardilosas de Faraó**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.

- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.